

Destinos da catarse coletiva: Do Transe à Vertigem, de Rodrigo Nunes

Fates of collective catharsis: From Trance to Vertigem, by Rodrigo Nunes



10.21680/1983-2109.2024v31n65ID33942

Caíque Coelho

(UERJ)

caiqueatenas@gmail.com

Resumo: O livro de Rodrigo Nunes, *Do Transe à Vertigem: Ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*, publicado pela Ubu Editora em 2022, se insere como uma ocorrência bibliográfica contemporânea ao fenômeno sobre o qual versa. A obra apresenta uma contribuição importante a respeito daquilo que se pode apreender filosoficamente sobre a entidade que se convencionou chamar de bolsonarismo a partir de uma perspectiva ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica. Trata-se do esboço de uma ontologia política do bolsonarismo, apresentando a concretização desse movimento a partir da própria exterioridade de relações das quais ele é um resultado precário. Além disso, a obra também propõe repensar a maneira de compreender a significação de eventos

políticos importantes da última década, como Junho de 2013, desenvolvendo uma concepção nuançada de realismo político.

Há livros em que o sucesso da leitura passa por uma experiência de catarse. Quando esta catarse remete a uma situação vivida no presente de seus leitores, ela adquire o potencial de uma significação coletiva, o compartilhamento de uma problemática e, por vezes, de seus diagnósticos e prognósticos. Em ressonância com a obra desta resenha, poderíamos dizer, à luz de Gilbert Simondon¹, que compartilhar uma significação através de um livro é já dar algum sentido, mesmo que mínimo, à individuação do coletivo², abrindo novas direções e destinos à catarse coletiva, isto é, gerando a circulação pública de outras estratégias,

¹ Algumas teses éticas do livro parecem ressoar a ontologia de Simondon, entre elas, a ideia de que o ato ético é aquele que tem uma repercussão numa rede de outros atos que ampliam as condições da vida (SIMONDON, 2020, p.498). Rodrigo Nunes aplica esse tipo de critério reticular à discussão sobre o radicalismo, opondo um radicalismo meramente "estético" ou de identidades como fins em si mesmas (sem repercussão nos problemas estruturais e coletivos) e um radicalismo programático, que busca ir à raiz dos problemas estruturais de uma época e atingir o limiar de sua transformação ao tensionar os limites do possível de uma situação (NUNES, 2022, p.137).

² Nos referimos aqui, por exemplo, à ênfase que Nunes dá às redes sociais como condição de circuitos de retroalimentação pelos quais a base bolsonarista e seus líderes midiáticos condicionaram uns aos outros em espirais de oferta e demanda. Estas espirais foram inventadas ao longo do processo a partir da circulação das informações, afetos e ideias compartilhadas. É nesse sentido que remetemos aqui a Simondon, pois parece essencial compreender que o bolsonarismo envolveu a constituição de uma coletividade a partir de certas significações compartilhadas, isto é, que "há coletivo na medida em que uma emoção se estrutura [...] a emoção é potencial que se descobre como significação estruturando-se na individuação do coletivo" (SIMONDON, 2020, p.468-9)

afetos ou ideias sobre o futuro do Brasil a partir do que se pode aprender dos últimos dez anos. Publicado em 2022, o livro de Rodrigo Nunes talvez tenha visado este objetivo, o que já é sugerido pelo título: *Do Transe à Vertigem: Ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. Trata-se de um livro de ensaios filosóficos e sociológicos, onde a contemporaneidade do evento não impede o aprofundamento metodológico e a orientação a partir de escalas espaço-temporais amplas e diversas. É preciso se somar a essas escalas de análise a escala do próprio leitor, que, avançando em direção ao futuro, vê o sentido do livro se alterar a partir da exterioridade dos eventos que se acumulam e retroagem sobre o que é relido: o antes e o depois da eleição de Lula e o fim do governo que não parecia ter fim, a crescente complicação da situação jurídica de Bolsonaro em 2023 e, apesar de tudo isso, a permanência do bolsonarismo em ao menos um terço da população, a qual se tornou mais silenciosa somente devido à ausência do ex-presidente na amplificação midiática de suas ideias e às investigações contra a extrema-direita. É nesse sentido que a catarse que o livro provoca, em nossa avaliação, é uma catarse propriamente histórico-filosófica. Isto porque elabora, explicita e traz à visibilidade do discurso filosófico as formatações do desejo de parte da população brasileira dos últimos 10 anos, as condições materiais de sua catalisação e os discursos que se capitalizaram a partir desses desejos e expectativas, atravessando as “almas” e os corpos de mais de um terço da população. O livro realiza uma análise da concretização do bolsonarismo que ao mesmo tempo tematiza o trauma coletivo que foram os próprios componentes performáticos e materiais de que se valeu o bolsonarismo, a sua maneira de poluir o debate público e as relações sociais mais íntimas, para além dos milhares de mortos numa pandemia cujos efeitos poderiam ter sido muito menores. O desmonte dos mecanismos de funcionamento e aparição histórica do bolsonarismo passa a ser peça do próprio combate

ao mesmo, já que o caráter empreendedorístico das lideranças bolsonaristas, como aponta Rodrigo Nunes, dependeu da eficácia de processos de retroalimentação afetiva e cognitiva através das redes sociais (NUNES, 2022, p.99), as quais forneceram as condições técnicas para a aceleração da composição de laços de pertencimento e de significação coletiva nos quais a base de apoiadores, seus líderes e influenciadores deram nascimento à entidade hoje chamada bolsonarismo.

No primeiro capítulo, Rodrigo Nunes expõe esse bolsonarismo como o resultado de uma tensão profundamente real à sociedade brasileira, mas diverge das análises retroativas que fariam dele uma essência acabada ou um processo que estava destinado a se cristalizar: Jair Bolsonaro, ainda que seja uma pessoa física, foi o *nome* de um processo cuja relação consigo é meramente sintética e não analítica (NUNES, 2022, p.22). Bolsonaro foi a ocasião de catalisação e aproximação de uma série de matrizes discursivas, tensões afetivas e econômicas de grupos muito distintos, não sendo nem o autor da catarse coletiva que ganhou seu nome e muito menos sua destinação final e inequívoca. O bolsonarismo poderia ser visto como a convergência de vetores que partiram de classes variadas e cujas alianças e conciliações dependeram de gramáticas em comum entre discursos e realidades afetivas distintas, ainda que guardassem entre si certa convergência e tropismo mútuo há muito tempo. Rodrigo Nunes aponta o militarismo policial, o anti-intelectualismo (evangélico, mas não só) e o empreendedorismo como três matrizes discursivas fundamentais, além de outras também essenciais em seu papel de mediação e de aproximação gramatical dessas matrizes (o anticomunismo, o conservadorismo social, a anticorrupção, etc). O livro talvez negligencie algumas figuras essenciais desse processo, como o mundo do agronegócio e dos diversos grupos de interesse ligados à exploração sem critérios do meio

ambiente. De modo geral, o bolsonarismo seria uma péssima elaboração coletiva do desejo (no sentido que Spinoza ou Deleuze e Guattari dariam a este termo, os quais são influências metodológicas na obra), desejo esse cujas formatações são apenas soluções contingentes de problemáticas muito maiores e cuja complexidade em muito excede a eficácia destas representações coletivas. É nesse sentido que o livro propõe uma provocadora questão, que poderíamos aqui resumir: *a extrema-direita responde a um problema real do mundo contemporâneo e à repercussão afetiva coletiva desse problema, mas o faz com uma solução catastrófica, isto é, com uma catarse coletiva suicida, se considerarmos a iminência da questão climática*. Não sendo capaz de encarar a vertigem de nosso tempo, a extrema-direita teria proposto como solução uma grande catarse coletiva, ou, como diz Rodrigo Nunes, um enorme programa social de saúde mental (NUNES, 2022, p.90), que, se altamente inadequado em resolver os problemas mais amplos do século XXI, seria adequado a um fim mais pragmático: adaptar uma parcela da população a um mundo de expectativas cada vez mais decrescentes, e instigar nesse grupo um sentimento apaziguador de pertencimento mediante a exclusão dos seus potenciais "rivais econômicos" e "adversários existenciais", ou seja, a esquerda, os intelectuais, os artistas, os negros, a população LGBTQIA+, as mulheres, os imigrantes, os ateus e praticamente qualquer um fora dos enquadramentos do "cidadão de bem".³

³ Não é a toa que Rodrigo Nunes identifica o caráter de "significante vazio" do cidadão de bem, cuja convergência ideal de características teria sido "o maior feito do bolsonarismo", posto que havia "conseguido que todos esse diferentes elementos - militarismo, anti-intelectualismo, empreendedorismo, anticomunismo, [...] discurso anticorrupção, conservadorismo social - convergissem em torno de uma única figura" (NUNES, 2022, p.46)

Ora, é nesse sentido que o título do livro se esclarece (para além da já convidativa conexão com o filme de Glauber Rocha). A realidade de nossa época exigiria não a volta ao consenso neoliberal dos anos 90 e 2000 e suas crenças apaziguadoras numa média aritmética dos extremos (definidos sob um eixo arbitrário), mas sim à necessidade de enxergar o *real* recalcado por essa representação *realista*, real esse que a extrema-direita pressentiu, ainda que através de um *transe coletivo* que prepara seus seguidores para uma batalha darwinista que busca eliminar o adversário do jogo sem questionar o próprio jogo. No lugar desse transe seria preciso coragem para encarar a *vertigem* do problema real: o enfrentamento da crise climática, a inviabilidade a curto e longo prazo do capitalismo financeiro e das transformações sistêmicas que serão causadas pela tecnologia. Ou seja, se trata da “passagem do transe do presente (negacionismo, teorias conspiratórias, sofrimento psíquico, a grande dessublimação dos desejos fascistas) à vertigem de confrontar as questões ainda mais sérias e profundas que estão por trás dele.” (NUNES, 2022, p.10).

Nessa torção entre os sentidos do que é ser realista hoje em dia se encontra o humor central do livro, isto é, a atitude de negação ao transe negacionista que o realismo capitalista implanta sobre o real, para que através dessa espécie de *negação da negação* possamos afirmar o real além e aquém dessas representações. É verdade que para isso talvez seja preciso criar novos transes, encontrar novas catarses coletivas, cujo regime de crenças e desejos não perca o lastro com a realidade ambiental, econômica e tecnológica ao mesmo tempo em que faça sentido para as pessoas e possa repercutir em suas motivações e autocompreensões (NUNES, 2022, p.136). É essa a tarefa difícil que Rodrigo Nunes parece defender, o que envolve muito mais do que a mera denúncia da falsidade de uma informação ou uma discussão sobre fake

news, pois o que está em jogo é, exatamente, a existência de uma demanda afetiva e desejanse à *qual* responderam as táticas discursivas da extrema-direita. Sem o mercado afetivo da angústia e do medo diante de um mundo cada vez mais incerto, não haveria demanda para a oferta das fake news e dos negacionismos, que só encontram tração exatamente porque há algo de fundamentalmente errado no mundo atual que estava invisível às representações da política institucional. Ou seja, desde a crise de 2008 e a relativa perda de legitimidade do neoliberalismo, a representação política se mostrou incapaz de dar voz ao fato de que a realidade se tornou radicalmente inviável, e que os discursos conspiratórios e extremistas não surgem como mero capricho de pessoas limítrofes, mas como resposta psíquica a uma crise social cuja complexidade e abstração em muito excedem a capacidade de absorção da maioria das pessoas, que passam a buscar, portanto, soluções simplificadoras que restaurem alguma metaestabilidade ao mapa cognitivo pelo qual se orientam: personalização de estruturas abstratas de forma a dar face humana a problemas cuja descrição científica seria complexa, atribuição de sujeitos responsáveis pelo mal do mundo na forma de bodes expiatórios voltados a minorias, demonização de partidos políticos de (centro)-esquerda, reterritorialização imunológica em grupos religiosos de perfil reacionário, etc.

Esta tentativa do autor de enxergar o real que está além dos realismos e suas representações espelha, portanto, o pressentimento dos limites da conjuntura atual, os rastros de um consenso neoliberal em ruínas. Esse realismo irrealista a que Nunes se opõe ressoa diretamente aquilo que Mark Fisher já chamava de realismo capitalista, com todas as suas consequências diretas e indiretas na saúde mental e na proliferação de uma burocracia acentrada e abstrata imanente ao próprio mercado e suas relações públicas (FISHER, 2020,

p.109). Essa burocracia protocolar das relações sociais e a ansiedade que ela propaga permeia todos os aspectos da vida e das relações públicas, como Nunes aponta na inflação da *representação* da participação política nas redes sociais em detrimento da participação em si, a tal ponto que o debate público se encontra cada vez mais capturado por um teatro de procedimentos burocráticos de validação, sinalização de virtudes e reforço imunológico dos códigos de pertencimento a um grupo ou outro (NUNES, 2022, p.16-17). Essa burocratização do debate público impede que o real seja elaborado enquanto tal, posto que a preocupação dos agentes se concentra numa corrida inflacionária dos discursos por eles mesmos, tal qual uma moeda que, perdendo o seu lastro, mergulhasse numa desorientação incessante. O problema dessa lógica inflacionária do discurso político e suas mobilizações afetivas é que essa lógica deixa de mobilizar certos afetos reais que as pessoas de fato sentem em virtude de sua situação econômica ou simbólica no corpo social, suas expectativas de futuro num sistema que não lhes dá oportunidade, bem como as rivalidades comparativas e preconceitos entre grupos que encontram assim uma ocasião de se amplificar. Esse “real” ignorado pelas relações públicas e protocolares, portanto, acaba sendo capitalizado pela extrema-direita, que encontra nele a ocasião de orientar perspectivas que *parecem* ouvir o problema e dar a eles uma solução.

É por essa razão que Nunes afirma que parte da população intuiu que a extrema-direita lhes oferecia um diagnóstico mais realista do mundo em que vivem : “há um sentido em que se pode dizer que ela é uma reação mais racional ao atual estado de coisas do que a crença de que tudo poderia simplesmente continuar como antes”, e isso porque, nos diz Nunes, “ela ao menos implicitamente assume os custos cada vez mais altos de manter as coisas em seus lugares e

prepara seus seguidores para uma luta cada vez mais sangrenta de todos contra todos.” (NUNES, 2022, p.18). Ou seja, a saída da extrema-direita seria: “não odeie o jogo, odeie os outros jogadores” (NUNES, 2022, p.14). Contrário a isso, Nunes afirma, a esquerda precisa fazer o oposto, superar o jogo em si mesmo. É o que poderíamos chamar de um realismo ampliado. Esse realismo, se seguirmos a orientação do livro, busca trabalhar com o que é possível numa conjuntura dada mas expandindo os limites desse possível, ampliando suas margens (NUNES, 2022, p.18).

Um sobrevoos arquitetônico do livro pode nos esclarecer sobre parte da inspiração metodológica por trás dos horizontes prescritivos do autor, que expomos acima. Os quatro primeiros capítulos da obra nos lançam na imanência do fenômeno em si, do bolsonarismo investigado através dos meios pelos quais ele se teceu. No primeiro capítulo, como vimos mais acima, se trata de um sobrevoos geral e panorâmico da questão, a que problemática o nome "Bolsonaro" responde e batiza, enquanto os três capítulos seguintes são ampliações e desdobramentos em maior resolução de aspectos do bolsonarismo: a) o negacionismo como atitude afetiva, cognitiva e existencial diante de uma realidade cada vez mais complexa e abstrata; b) a figura do troll como tática de guerra discursiva nas redes sociais; c) o empreendedorismo como um *modus operandi* do próprio bolsonarismo enquanto fenômeno (e não apenas um conteúdo defendido por ele). Esses três eixos não esgotam os fatores de produção do bolsonarismo, e nem o pretendem, mas servem como mapa de algumas de suas linhas mais expressivas, as vibrações em torno das quais a caixa de ressonância bolsonarista encontrou repercussão nos desejos e concepções de parte da população. No restante do livro, isto é, nos três capítulos finais, Nunes realiza uma regressão cronológica e ampliação temática que visa os estratos e tensões sociais mais gerais dos quais o bolsonarismo

é um sintoma, a saber: 1) as dificuldades econômicas do mundo após a crise de 2008 e a consequente perda de legitimidade do consenso neoliberal centrista; 2) o ciclo global de insatisfação com a política institucional que daí surgiu (a Primavera Árabe, por exemplo), do qual Junho de 2013 é a repercussão brasileira; 3) o processo de impeachment de Dilma Rousseff e o protagonismo da direita na canalização das insatisfações populares que se catalisaram com a crise econômica e os escândalos de corrupção; 4) a maneira como o PT perdeu a oportunidade de canalizar as tensões e disputar o sentido dos acontecimentos de 2013 em diante.

Essa coexistência de explicações de longa e curta duração reforça a inteligibilidade de temas tão contemporâneos como o bolsonarismo, evitando que a análise filosófico-sociológica caia na tentação das explicações jornalísticas mutiladas, pelas quais os fenômenos políticos parecem irromper à cena do mundo *ex nihilo*, sem qualquer consideração de suas mediações sincrônicas e diacrônicas. Nos parece que a força de *Do Transe à vertigem* está em aprofundar a compreensão da imanência desse fenômeno que é o bolsonarismo pela própria exterioridade da qual ele nasce e é sintoma. A questão é aqui semelhante ao que Deleuze e Guattari afirmavam sobre a exterioridade dos livros em *Mil Platôs*⁴: compreender o que é intrínseco ao bolsonarismo implica compreender a exterioridade em que ele desenhou sua precária interioridade, do mesmo modo que para compreendermos um livro precisamos compreender a rede das conexões exteriores com as quais esse livro funciona e em relação às quais ele gera repercussões.

É nessa aspiração a uma compreensão imanente da própria exterioridade relacional do bolsonarismo que

⁴ Sobre a imanência da exterioridade, ver DELEUZE, GUATTARI, 1980, p.9-10.

podemos compreender aquela que talvez seja a principal constante metodológica do livro: *os processos circulares entre o desejo coletivo e suas representações*, no qual o autor faz uso da ontologia política d'O *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, bem como do *conatus* de Baruch de Spinoza⁵. Essa causalidade recíproca do desejo e suas representações estaria na maneira pela qual "afetos sempre se encontram numa relação circular com os sistemas [...] mediante os quais interpretamos, concatenamos e justificamos aquilo que nos acontece." (NUNES, 2022, p.13). Em termos mais detalhados, se trata do que a obra de Nunes descreve como uma espiral de retroalimentação pela qual se constituíram mutuamente esses dois polos: 1) de um lado, os desejos e frustrações da população diante da realidade econômica, simbólica ou comparativa das classes sociais e minorias; 2) as matrizes discursivas e gramáticas em comum pelas quais esses desejos ganharam significação coletiva e caráter público⁶, catalisando a emergência de sujeitos e ações em vários pontos da rede da sociedade, numa aliança das classes baixas e altas, mesmo quando a motivação da participação de cada grupo não era exatamente a mesma. Ou seja, o sentido do bolsonarismo é, ele mesmo, distinto segundo a perspectiva de cada grupo que dele participou, ainda que algumas de suas notas sejam comuns a todos eles. Por isso, o perspectivismo é, segundo o autor, necessário para a adequada análise dos vários

⁵ Sobre a ontologia política spinozista de Deleuze e Guattari e a questão da servidão do desejo como problema central da filosofia política, ver DELEUZE, GUATTARI, 1972, p.36-7.

⁶ Rodrigo Nunes afirma que as matrizes discursivas devem ser "consideradas como geradoras não apenas de enunciados, mas de estruturas afetivas (aquilo que Spinoza chamaria de *ingenia*), identificação e pertencimento, formas de autonarração e autoentendimento." (NUNES, 2022, p.26)

bolsonarismos e suas refrações distintas em cada grupo (NUNES, 2022, p.15).

É pertinente a caracterização que o autor faz da propagação do discurso bolsonarista como um fenômeno empreendedorístico em si mesmo, um investimento. Em termos econômicos, Rodrigo Nunes afirma que nichos de mercado mobilizaram "empreendedores" em busca de um público que se constituiu por meio dessa interação (NUNES, 2022, p.99-100): se acelerando no período do impeachment de Dilma Rousseff mas existindo já muito antes, a oferta e a demanda pelo bolsonarismo se produziram num movimento circular, numa espiral cujo resultado acabou por efetivar a realidade de ideias numa catástrofe sanitária, como foi o caso dos processos de produção, circulação e consumo de fake news sobre as vacinas durante a pandemia do coronavírus. Essas ideias foram efetivadas no sentido em que passaram a de fato pautar os desejos e ações da população de um país que, até aquele momento, era um dos que mais se vacinava no mundo.

Como diria Mark Fisher, autor que parece ter influenciado a lógica do livro, essa lógica hipersticcional⁷ das redes sociais faz das superstições *hiperstições* na medida em que buscam dar realidade social a certas narrativas através da criação de circuitos de retroalimentação positiva que repercutem nos meios de comunicação, motivando ações de grupos anteriormente sem coordenação, desenvolvendo ideias em planejamentos estratégicos e esquemas táticos, propagando sentimentos coletivos e inibindo outros a partir de disparos em massa de mensagens, posts, comentários, vídeos, etc. Todo um regime de sensibilidade, ou melhor

⁷ Entendemos por hiperstição “narrativas capazes de efetuar sua própria realidade por meio de alças de retroalimentação positiva, fazendo emergir novos atratores sociopolíticos” (FISHER, 2020, p.170)

dizendo, todo um esquema sensório-motor se propagou na velocidade da fibra ótica através das redes sociais e sua capilarização na intimidade das igrejas, famílias, grupos de amigos e ambientes de trabalho. O bolsonarismo, ao ter se aproveitado dessas possibilidades de uso da infraestrutura das telecomunicações digitais, se mostrou um perigoso fenômeno de catarse coletiva populista cuja velocidade de propagação pelo corpo da sociedade talvez não teria a mesma magnitude se não fosse por essa presença ostensiva nos meios digitais e suas oportunidades de propagação virótica de discursos sem lastro.

Portanto, a obra de Rodrigo Nunes apresenta uma descrição não só da emergência do bolsonarismo mas também de algumas das condições pelas quais fazer o transe coletivo assimilar em si a vertigem sem a qual ele perde lastro com o real. Isto é, a difícil receita que Nunes busca encontrar é aquela que alia a sedução coletiva (o “transe”) por novos programas políticos que sejam ao mesmo tempo desejáveis pela população e realistas em relação ao que está por vir neste século (e portanto, que assimilem a “vertigem” dos problemas reais), trabalhando nos limites do possível de modo a ampliá-lo. Que a metamorfose dos destinos dessa catarse seja possível é o que já se mostrou, desde Junho de 2013, ao longo das sucessivas ondas pelas quais passou a disputa da significação desse evento, de suas formas de organizar e de redirecionar os afetos coletivos. É constante na obra o esforço em adquirir o sentido do *meio* dos eventos em si mesmos, isto é, a abertura de possíveis que cada acontecimento apresenta em si, mesmo quando esses possíveis não logram se inscrever nas práticas institucionais. A perspectiva que o livro propõe, portanto, não é o determinismo histórico que se desenha retroativamente a partir dos resultados de um acontecimento e sim a aposta na tensão criativa dos eventos, a aquisição de uma percepção feita pelo meio. Essa sensibilidade ao acontecimento não

exclui a atenção à necessidade das mediações e organizações para obter sucesso na realização de qualquer programa político. Como afirma o autor, é preciso calcular “para cima” (NUNES, 2022, p.137) as mediações do desejo coletivo, para que, desse modo, a atitude realista seja não a reiteração seca do que já é mas a aposta de que a própria margem de ampliação do real está em disputa no desejo coletivo das massas. Em suma, o livro convida a pensar que as normas e práticas institucionais dependem de uma problemática que as ultrapassa, cujo sentido só pode ser compreendido se escutarmos o que se apresenta além ou aquém delas, ao mesmo tempo que dentro delas. O livro convida a sustentar essa tensão entre a representação política e o irrepresentável e a encontrar as soluções a partir do próprio meio que correlaciona esses polos.

Referências

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Éditions de Minuit, 1980

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *L'Anti-Œdipe*. Paris: Éditions de Minuit, 1972

FISHER, Mark. *Realismo capitalista*. trad. R. Gonsalves. São Paulo: Autonomia Literária, 2020

NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu Editora, 2022

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e informação*. Trad. Luís Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020

(Submissão: 19/09/23. Aceite: 06/11/24)